

Bora Ocupar!

Uma análise crítica do movimento de ocupações das escolas na cidade do Recife a partir da teoria dos novos movimentos sociais e do confronto político.

Cláudio Luís damasceno Valente Júnior ¹

INTRODUÇÃO

Este estudo realiza uma análise crítica do movimento de ocupações das escolas na cidade do Recife a partir do documentário "Bora Ocupar!" (UFPE, 2018), situando-o no contexto dos protestos nacionais de 2016 contra a PEC do Teto de Gastos (PEC 55) e a Reforma do Ensino Médio. Do ponto de vista teórico, a pesquisa se ancora na teoria dos novos movimentos sociais, conforme proposta por Angela Alonso (2009), que compreende tais mobilizações como ações coletivas organizadas fora das instituições formais, pautadas por reivindicações que transcendem a esfera econômica e abarcam demandas por cidadania, democratização e reconhecimento. Complementarmente, recorre-se à teoria do confronto político de McAdam, Tarrow e Tilly (2009) para examinar como os grupos se mobilizam em cenários de crise, criando repertórios de ação que contestam estruturas de poder estabelecidas.

A justificativa para este trabalho reside na necessidade de compreender como a juventude, especialmente em um centro historicamente efervescente como o Recife, constitui respostas políticas legítimas diante de ataques sistemáticos a direitos sociais e do fechamento de espaços democráticos. Objetiva-se, com isso, analisar as ocupações enquanto expressão de novos movimentos sociais e de confronto político; identificar os repertórios de ação coletiva e as redes de solidariedade construídas; examinar as estratégias de desmobilização empregadas pelo Estado e as respectivas resistências dos ocupantes; e, por fim, refletir sobre o legado político-pedagógico do movimento para a formação cidadã e a luta pela democratização da educação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza como fontes primárias as entrevistas e o material visual do documentário "Bora Ocupar!", analisados à luz dos quadros teóricos mencionados. Por meio de uma abordagem descritivo-analítica,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na universidade Federal de Pernambuco - claudio.valente@ufpe.br

articulam-se as experiências locais dos estudantes com os debates mais amplos sobre mobilização social e confronto político.

As discussões e resultados evidenciam que as ocupações emergiram como uma resposta organizada e legitimada pelos estudantes, que, mesmo inicialmente resistentes a influências partidárias, souberam construir estruturas de mobilização horizontal e democrática. Identificou-se ainda uma repressão diferenciada por parte do Estado, com maior intensidade de coerção em escolas periféricas, o que revela a seletividade da ação estatal. Apesar disso, o movimento fortaleceu laços coletivos, fomentou o amadurecimento político de seus participantes e deixou um legado duradouro, influenciando inclusive trajetórias políticas posteriores, como atestam casos como o da ex-militante Rosa Amorim, hoje deputada estadual.

Em síntese, as ocupações escolares no Recife transcenderam a mera reação a políticas educacionais específicas, configurando-se como espaços vitais de experimentação democrática, aprendizagem política e resistência criativa. O movimento não apenas contestou medidas de austeridade, mas também reforçou o potencial transformador da ação coletiva juvenil, deixando como herança a demonstração de que a organização autônoma e o confronto político podem reconfigurar as relações de poder e fortalecer os laços democráticos em tempos de crise.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida adota uma abordagem qualitativa, orientada pela análise crítica de experiências sociais concretas, com o objetivo de compreender os significados, as estratégias e os desdobramentos do movimento de ocupações estudantis no Recife. O principal recurso metodológico utilizado foi a análise documental, centrada no filme "Bora Ocupar!" – documentário produzido em 2018 como projeto de extensão do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Este material audiovisual funciona como registro histórico e etnográfico do movimento, capturando narrativas, imagens e contextos que permitem reconstituir a trajetória das ocupações a partir da perspectiva dos próprios jovens envolvidos.

Como materiais metodológicos, foram utilizados predominantemente os depoimentos dos estudantes ocupantes, coletados em entrevistas presentes no documentário, que revelam as

motivações, os processos decisórios, as formas de organização interna e as percepções sobre a repressão estatal. Além disso, o trabalho recorre a registros fotográficos incluídos no filme e em acervos complementares, como os do Sindicato dos Servidores de Pernambuco (SIMPERE), que documentam situações de confronto, cerco policial e ações de resistência dentro e fora das escolas. Essas imagens não servem apenas como ilustração, mas como fontes de análise que complementam e validam as narrativas orais, evidenciando a dimensão visual do conflito e a presença diferenciada do Estado conforme a localização e o perfil socioeconômico de cada escola.

A interpretação dos dados apoia-se no diálogo entre as narrativas dos sujeitos e os quadros teóricos de Angela Alonso (2009) – sobre os novos movimentos sociais – e de McAdam, Tarrow e Tilly (2009) – acerca do confronto político e dos repertórios de ação coletiva. Essa articulação permitiu examinar as ocupações não como eventos isolados, mas como fenômenos sociais complexos, marcados pela inovação organizacional, pela construção de redes de solidariedade e pela resistência a tentativas de desmobilização. Por fim, a metodologia adotada privilegiou a voz dos jovens como agentes políticos, enfatizando a dimensão formativa e emancipatória das ocupações, ao mesmo tempo em que situou o movimento em um cenário mais amplo de crise democrática e lutas pela educação pública no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo utiliza como referencial a teoria dos novos movimentos sociais (Alonso, 2009) e a teoria do confronto político (McAdam, Tarrow e Tilly, 2009). A primeira ajuda a compreender as ocupações como ações que vão além de reivindicações pontuais, representando a emergência de novos atores políticos - a juventude - que contestam estruturas de poder e experimentam novas formas de organização. A segunda contribui para analisar os repertórios de ação coletiva desenvolvidos pelos estudantes, como a tomada de escolas e a criação de assembleias, além das redes de apoio que sustentaram o movimento.

Essa articulação teórica permite examinar as ocupações tanto como expressão de um movimento social contemporâneo quanto como caso de confronto político, onde estratégias inovadoras desafiaram o Estado e abriram novos espaços de participação. O referencial conecta assim as particularidades do movimento local com processos mais amplos de mobilização social em contextos democráticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das ocupações estudantis no Recife revela que o movimento se constituiu como uma resposta organizada aos ataques à educação pública, materializando-se através de práticas inovadoras de ação coletiva. Os estudantes demonstraram notável capacidade de organização interna, estabelecendo comitês de representação, divisão de tarefas e assembleias deliberativas que garantiam o caráter horizontal e democrático das ocupações. Esta estrutura permitiu não apenas a manutenção das escolas ocupadas, mas também a criação de um espaço formativo onde se experimentavam novas formas de gestão coletiva.

O estudo identificou uma clara distinção na atuação do Estado frente às diferentes escolas ocupadas. Enquanto instituições localizadas em áreas centrais e consideradas modelo receberam tratamento mais negociado, as escolas periféricas sofreram repressão intensa, com uso desproporcional de força policial e tentativas de criminalização do movimento. Esta seletividade revela como o Estado opera com lógicas diferenciadas de controle social conforme a localização e o perfil socioeconômico dos estudantes.

As redes de solidariedade formadas em torno das ocupações mostraram-se fundamentais para sua sustentação. Inicialmente resistentes à participação de organizações políticas tradicionais, os estudantes gradualmente estabeleceram alianças com movimentos sociais, universidades e entidades civis que contribuíram com recursos materiais e simbólicos para a manutenção do movimento. Este processo demonstra a capacidade de articulação dos jovens em construir apoios sem abrir mão de seu protagonismo.

A pesquisa evidenciou ainda que as ocupações transcenderam a dimensão reivindicatória imediata, convertendo-se em espaços de formação política e cidadã. Os depoimentos analisados mostram como os participantes desenvolveram consciência crítica sobre a educação pública, as desigualdades sociais e os mecanismos de funcionamento do Estado. Muitos dos envolvidos seguiram trajetórias de ativismo político após as ocupações, indicando o caráter transformador da experiência.

Por fim, o estudo demonstra que, apesar das derrotas imediatas no plano legislativo - com a aprovação da PEC 55 e da Reforma do Ensino Médio -, o movimento deixou um legado duradouro de mobilização e resistência. As ocupações consolidaram-se como referência para ações futuras e contribuíram para o fortalecimento de redes militantes que atuariam nos anos seguintes contra o desmonte das políticas educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das medidas contestadas pelos estudantes em 2016 – como o impeachment de Dilma Rousseff, a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio – terem sido implementadas, com reflexos negativos como a queda de 45,6% nas inscrições do ENEM (2013-2023), o movimento de ocupações deixou um legado significativo.

Os estudantes não apenas denunciaram a austeridade e a precariedade educacional, mas também transformaram as ocupações em espaços de aprendizado político, organização coletiva e mobilização de famílias e da sociedade civil. Essa experiência fortaleceu a atuação do movimento estudantil nos anos seguintes, especialmente durante o governo Bolsonaro, e revelou o amadurecimento político de seus participantes – como exemplificado pela trajetória da deputada Rosa Amorim.

Embora de curta duração, as ocupações no Recife tornaram-se um marco de ação coletiva organizada, demonstrando a capacidade de jovens de diferentes origens se unirem para contestar desigualdades e fortalecer a democracia, mesmo em um contexto político adverso.

Palavras-chave: Ocupação, Democracia, Juventude, Movimento Social, Escola.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. C. (1998). “Ação coletiva, cultura e sociedade civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e desdobramento do modelo clássico dos movimentos sociais”. RBCS, vol. 13, no 37.

ALONSO, Angela (2009). As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, no. 76. São Paulo.

BORA Ocupar. Direção e Produção de Soraia de Carvalho. Recife. Departamento de Serviço Social/UFPE, 2018.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles (2009). Para mapear o confronto político. Lua Nova, no 76, São Paulo

SILVA, Nilson Robson Guedes. Gestão escolar democrática: uma contextualização do tema.

Práxis Educacional, Vitória da conquista, v. 5, nº6, p. 91-106, jan/jun. 2009.

DIAS, Helena, SOBREIRA, Vinicius. “Desde que nasci fui para as fileiras da luta”: Conheça Rosa Amorim, candidatura do MST em PE. Brasil de Fato. Recife, 14 de mar. de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/03/14/desde-que-nasci-fui-para-as-fileiras-da-luta-conheca-rosa-amorim-candidatura-do-mst-em-pe> Acesso em: 10/07/2024.

“Por que o número de inscritos no ENEM caiu tanto nos últimos 10 anos?” G1, Globo. São Carlos, 24 de out. de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/especial-publicitario/piesb/noticia/2024/10/24/por-que-o-numero-de-inscritos-no-enem-caiu-tanto-nos-ultimos-10-anos.ghtml> Acesso em: 10/07/2024